

Extraído de “Vertical”, n.º 1661

Maputo, 16 de Setembro de 1969

“Passagem por Quionga”

Opinião de Carlos Serra

Cedido por R. Pragana

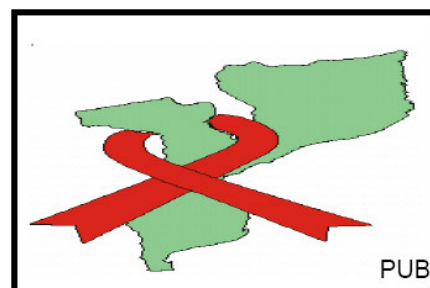
“Que consolida o que temos vindo a afirmar, sobre os cemitérios militares dispersos pelos cinco continentes.”



CARO TRABALHADOR!

Mude de comportamento e atitude face ao HIV/SIDA. Ajude seus colegas, familiares e amigos, transmita a mensagem da Lei 5/2002 de 5 de Fevereiro

PUB.



vertical

Maputo terça-feira 16.09.2008 N° 1661

TropicalWeb
Sistemas de Comunicações

- Internet 24 horas
- Soluções wireless
- Montagem de Intranet
- Assistências técnicas
- Criação de páginas web

www.tropical.co.mz

Av. Agostinho Neto, 1328 - 1º andar - Tel: 21308354/5 - Fax: 21303837
E-mail: info@tropical.co.mz - Maputo-Moçambique

PUB.

vertical

Um jornal por Fax: Proprietário - Repórteres Associados Lda; GABINFO-Dispensa do registo-DE-2001 Editor: Victor Matsinhe. Av. Amílcar Cabral nº 412, Bairro Central, Maputo, Moçambique, Telef: Celular- 82-3139250/82 83 69 710 e/ou E-mail: vertical@tropical.co.mz - **Assinaturas mensais:** - ordinária: 500,00Mt; institucional: 875, 00Mt; embaixadas e ONGs estrangeiras: 1.250, 00Mt. Outras moedas ao câmbio do dia. NUIT: 400096686

PASSAGEM POR QUIONGA

Há muito tempo que guardava em mim o sonho de atingir as margens do rio Rovuma, o que veio a acontecer nos princípios do mês de Agosto do presente ano, ganhando finalmente a real dimensão da extensão em cumprimento deste maravilhoso País.

No caminho, passei pelo posto administrativo de Quionga, no distrito de Palma, do qual guardava algumas recordações lidas algures, por ter sido palco de uma batalha na I Guerra Mundial (1914 - 1918), dado que o nome figura como um dos quatro locais emblemáticos constantes no Monumento erguido em memória dos combatentes mortos neste conflito que se encontra na actual Praça dos Trabalhadores, na cidade de Maputo (os outros locais são Mecula, Nevala e Quivambo, estes dois últimos situados em território tanzaniano, visto que Portugal chegou a tentar uma segunda incursão completamente fracassada na então colónia alemã, depois de uma primeira que não passou das margens do rio Rovuma, conforme veremos adiante).

Tendo lido um pouco mais sobre a história daquele período, fiquei a saber que o nosso País foi palco de actuação daquele que é considerado o mais temeroso e eficiente exército colonial que jamais existiu durante o período de ocupação estrangeira do continente Africano, por nunca ter sido derrotado, deixando à sua passagem, em contra-partida, um manto de destruição, incluindo junto do exército inglês, o qual, como aliado histórico, veio em socorro de Portugal. Comandado pelo general Paul Emil Von Lettow-Vorbeck, este exército era composto, no início das hostilidades, por cerca de 3000 soldados alemães e 12 000 askaris (soldados africanos do exército alemão), para, à data do armistício, se encontrar reduzido a 155 alemães e 1156 askaris.

Para curiosidade, a sede do posto administrativo de Quionga está localizada a cerca de 470 quilómetros de Pemba, e faz parte da única porção (com 450 km²) do território moçambicano colonizada pela Alemanha, tendo permanecido enquanto tal por sensivelmente duas décadas (1894 - 1916). Tudo começou no dia 16 de Junho de 1894, quando o barão de Schele, governador da África Oriental Alemã, ordenou que a bandeira do seu país passasse a ser as-

teada em Quionga, que foi ocupada militarmente por um destacamento de vinte soldados askaris.

Em 10 de Abril de 1916, as tropas coloniais portuguesas retomaram finalmente Quionga, sem terem que disparar um único tiro, atendendo ao facto de as forças alemãs terem abandonado estrategicamente o local. Contudo, segundo as fontes consultadas, as condições climáticas e sanitárias foram o grande inimigo dos portugueses, que tiveram 545 baixas entre mortos e evacuados.

No dia 27 de Maio do mesmo ano, em Namaca, junto ao rio Rovuma, a poucos quilómetros de Quionga, os portugueses tentaram, em vão, efectuar a travessia em direcção ao território inimigo, tendo sofrido, perante um insignificante destacamento germânico, 33 mortos, (incluindo 3 oficiais) e 8 prisioneiros (sendo 2 oficiais). Note-se que, daí em diante, a guerra caracterizou-se por uma sucessão de desaires para Portugal, incluindo uma segunda invasão à Tanzania que conduziu às derrotas de Nevala e Quivambo.

Entretanto, regressando à viagem, procurei, junto da população local, obter informações sobre a localização do cemitério onde se encontravam depositados os soldados portugueses que tombaram no conflito, dado o interesse particular que tenho em tudo o que diga respeito ao património cultural imóvel moçambicano.

Qual não foi o meu desapontamento quando, uma vez chegados aos local, não vi sinais do cemitério, mas apenas um pequeno descampado, rodeado de meia dúzia de árvores, repleto de capim alto, no qual apenas alguns marcos permaneciam teimosos, não obstante sinais de recente tentativa de os extrair. Dos túmulos nada! Perguntei ao meu guia o que se tinha passado e a resposta retornou num sentido inesperado: a população local retirou toda a pedra do cemitério para uso em actividades de construção, incluindo até a da capela aí existente, desmontada metodicamente para sempre.

Parei para pensar um pouco e segui caminho em direcção ao Rovuma. No trajecto, tomei consciência de que temos ainda um longo caminho a percorrer para perceber o sentido e o alcance do conceito de património cultural definido na Lei n.º 10/88, de 22

de Dezembro, enquanto "conjunto de bens materiais e imateriais criados ou integrados pelo povo moçambicano ao longo da história, com relevância para definição da identidade cultural moçambicana".

É claro que não poderei imputar no chefe do Posto Administrativo a responsabilidade maior no atentado ao património cultural, pois tenho sérias dúvidas que soubesse que, sobre o solo da sua jurisdição, se tivessem passado factos de tamanha importância na história internacional político-militar. Mas está na hora de o Ministério da Educação e Cultura realizar um verdadeiro, profundo e alargado Inventário dos Monumentos, Conjuntos e Locais que constituem património cultural classificado ou digno de classificação e que pertencem a todo o povo moçambicano. O património tumular, do qual fazia parte o cemitério militar português de Quionga é parte integrante do património cultural moçambicano classificado.

Para o efeito, urge realizar um trabalho exaustivo de pesquisa histórica, com envolvimento directo do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane e de todas as instituições de pesquisa interessadas. Há ainda muito da nossa história por estudar, por tratar e por divulgar, e só acedendo à informação é que se pode adquirir a desejável sensibilidade para a necessidade de protegermos e conservarmos o património cultural.

Perdemos uma oportunidade de enriquecer o turismo cultural, sabendo que os lugares associados a grandes marcos como a I Guerra Mundial constituem atracções turísticas dignas de referência e que, para

os habitantes de Quionga, aquele cemitério, a não ser destruído, mais tarde ou mais cedo constituiria um lugar de paragem obrigatória para os turistas que visitassem a região. Tudo dependia unicamente de se estudar e disseminar um pouco mais a história de Moçambique e, claro, de visão e sentido de oportunidade. Contudo, há em Quionga locais históricos que poderão despertar e propiciar aos visitantes um particular interesse. Um pequeno museu de Quionga contendo a informação histórica básica da fase pré-colonial à actualidade poderia ser tornado realidade sem recursos avultados, contando com apoio de diversas entidades e individualidades, sendo acompanhado da elaboração de um roteiro histórico-turístico da região, e da formação de guias turísticos recrutados localmente. Esperemos que outros bens culturais não venham a ser destruídos devido à não consciência do seu valor. Temos um desafio histórico pela frente - o desenvolvimento sustentável e, para isso, importa aproveitar cada oportunidade positiva que temos à mão. A indústria do turismo começa a ser uma realidade indiscutível em Moçambique, temos um enorme potencial a oferecer: um povo simpático e acolhedor, praias maravilhosas, áreas de conservação encantadoras, zonas de montanha e paisagens de cenário único, uma riqueza e diversidade cultural digna de referência e um património cultural extraordinário. Quionga marcou-me, é um facto... terra distante, linda, histórica e culturalmente rica, sei que terei de lá regressar um dia, para aprender e colher um pouco mais das suas gentes e histórias.* **A. Ambiente**

[...]

vertical

Um jornal por Fax: Proprietário - **Repórteres Associados Lda**; GABINFO-Dispensa do registo-DE-2001 Editor: **Victor Matsinhe**. Av. Amílcar Cabral nº 412, Bairro Central, Maputo, Moçambique, Telef: Celular- 82-3139250/82 83 69 710 e/ou E-mail: **vertical@tropical.co.mz** - **Assinaturas mensais**: - ordinária: 500,00Mt; institucional: 875, 00Mt; embaixadas e ONGs estrangeiras: 1.250, 00Mt. Outras moedas ao câmbio do dia. NUIT: **400096686**